

Vagas e presenças atenuadas: Uma piscina contra-memorial para Waitara

DOI Number

10.24135/link.2021.v2i1.163.g222

Os memoriais são testemunhas de histórias, lugares e pessoas do passado. Suas declarações podem ser sentidas e ouvidas, se alguém estiver em condições de ouvir. Os memoriais são os progenitores dessas vozes, funcionando como marcadores locativos curiosos e polêmicos. Este artigo relata uma investigação conduzida por uma prática na piscina do memorial. Apresenta esses espaços estranhos e disjuntivos como contra-memoriais, meios para métodos alternativos de lembrança. O projeto desdobrou-se em duas fases: trabalho de campo documental e uma intervenção de design especulativo. O trabalho de campo consistiu em expedições a três piscinas memoriais encontradas em Te Ika-a-Maui, a Ilha do Norte. Métodos de habitação e testemunhos específicos do local, como desenho, filme e gravação do local, identificam e agregam a linguagem fenomenal desses locais memoriais. Isto envolveu uma observação particular de presenças e ausências. O trabalho se refere a Michael Taussig em suas observações de que as gravações de campo, como desenhos, existem como “mais do que o resultado de ver”. Elas apresentam oportunidades para um tipo diferente de óptica. O conceito de óptica dialética do filósofo e crítico Walter Benjamin é explorado em como esses sites nos permitem “perceber o cotidiano como o impenetrável e o impenetrável como o cotidiano”. Imagens transitórias e mundanas foram investigadas como marcadores de contra-memorial e como evidência de mudanças de papéis, temporalidades e ecologias. A viagem, a abordagem do pesquisador de campo e a habitação temporária são consideradas parte da metodologia de trabalho de campo do projeto, tanto no sentido prático quanto temporal. O trabalho de campo desenvolveu uma compreensão conversacional

do lugar, considerando as paisagens do passado, do presente e do futuro que ocupamos em relação uns aos outros. A intervenção do projeto especulativo aproveita a linguagem afetiva desenvolvida no trabalho de campo para propor uma reconfiguração da Piscina Waitara como um contra-memorial. A obra compreende uma série de provocações mnemônicas que detalham a perda, o vazio e a superação de limiares rituais. Estes apresentam encontros conversacionais e dialógicos. As imagens dessas superfícies e espaços derivam de habitações e atividades, em vez de contemplações isoladas. Eles são memoriais vividos. O corpo se torna uma força essencial dentro do local e faz com que o esquema funcione mais como uma paisagem memorial do que como uma série de obeliscos. Isto se relaciona mais com as ideologias não ocidentais de memorial, o indivíduo e a paisagem. O filósofo Dr. Carl Mika refere-se a este vínculo sendo “indivisível”, e que os Māori, por exemplo, estão conectados por meio de uma “impressão na paisagem”. Os movimentos conscientes e subconscientes posicionam o observador como um participante ativo, em vez de um observador distante. Tanto o corpo presente quanto o ausente são fundamentais para a composição formal e temática de cada encontro apresentado ao espectador. Cortes verticais e horizontais formam molduras e pisos habitados ou anulados pelo corpo. Pelas condições ecológicas, e à medida que as piscinas são utilizadas, esses cortes geram novas superfícies reflexivas e oferecem pontos de vista. Meu trabalho imagina maneiras de localizar memórias e histórias por meio da imersão em uma nova paisagem contra-memorial, apresentando oportunidades de habitar a memória atenuada.